

# A FESTA DO DIVINO ESPÍRITO SANTO ENTRE OS AÇORIANOS DE SÃO PAULO

*Gustavo Adolfo P. D. Santos\**

*"Trago vinho, carne e massa:  
que beleza, que encanto!  
E trago as vestes e a graça  
do Divino Espírito Santo."  
(Seu Manuel Honorato Raposo)*

## OS AÇORIANOS EM SÃO PAULO

O arquipélago dos Açores fica no Oceano Atlântico, mais ou menos a meio caminho entre a Europa e os Estados Unidos da América. Fazendo parte do Estado português (com status de região autônoma obtido em 1975), como Portugal os Açores são marcados pelo fenômeno da emigração desde o início do século XIX (Feldman-Bianco, 1997). De fato, em função do estabelecimento de redes transnacionais de parentesco e de circulação de pessoas e bens (materiais ou simbólicos), a experiência migratória é constitutiva da vida cotidiana dos habitantes do arquipélago, que "abrange a possibilidade sempre presente de se emigrar" (Feldman-Bianco, 1995).

Historicamente, os principais destinos deste fluxo migratório foram os Estados Unidos e o Brasil. No caso brasileiro, por exemplo, são conhecidas algumas cidades fundadas por imigrantes açorianos no sul do país. Este artigo, porém, concentra-se sobre um contingente de açorianos que se estabeleceu na cidade de São Paulo, mais precisamente no bairro de Vila Carrão, na

Zona Leste da cidade.

Vindos principalmente da ilha de São Miguel dos Açores, a partir da década de 50, para trabalharem como empregados em uma tecelagem desse bairro paulistano, estes imigrantes desde então diversificaram suas atividades, concentrando-se porém no setor pecuário, de laticínios e de comércio de carne. Atualmente há açorianos que se sobressaem no setor pecuário como grandes produtores e comerciantes de gado e leite. Além disso, ainda existe uma concentração de açorianos e descendentes expressiva no bairro de Vila Carrão e suas adjacências. No entanto, é importante notar que não é possível afirmar que a notada acima seja a única circunstância de chegada de açorianos a São Paulo, e ainda faz-se necessário um estudo histórico da chegada desses imigrantes, assim como um levantamento de suas atividades principais.

De qualquer forma, nosso interesse, mais do que fornecer um desenho detalhado dessa migração, com dados estatísticos, gráficos e reconstruções históricas, é mostrar como se rearticula no contexto da imigração no Brasil uma forma cultural e religiosa característica do arquipélago dos

Açores: a Festa do Divino Espírito Santo. Trata-se de uma festa tradicional, celebrada anualmente nas ilhas açorianas, ao longo das semanas que antecedem e culminam no Pentecostes, festa católica celebrada 50 dias após a Páscoa. Aqui, pretendemos, através da descrição (ou da etnografia) de uma festa por nós observada em abril e maio de 1995, mostrar como a identidade açoriana é (re)construída em São Paulo, a partir desta festa que foi "transplantada" por esses imigrantes 24 anos depois de sua chegada em São Paulo.

## A FESTA DO DIVINO

A primeira festa foi realizada em 1974, quando um dos açorianos de Vila Carrão trouxe para São Paulo, de uma visita a sua terra natal, São Miguel, a primeira Bandeira e Coroa do Divino Espírito Santo. Segundo alguns relatos obtidos, no início esta consistiu de uma simples procissão de poucas pessoas da comunidade. Desde então ela tem sido realizada anualmente, começando logo após a Páscoa, nas semanas que antecedem o Pentecostes, que, como já dissemos, é o dia culminante da Festa. A propósito, esta segue a tradição micalense, pois a maioria dos imigrantes veio da ilha de São Miguel.

Como em vários outros enclaves açorianos no mundo, a festa no Brasil tem sido coordenada pelo *Mordomo da Festa*, eleito anualmente entre os membros mais antigos da "comunidade". Entretanto, tendo evoluído ao longo dos anos para tornar-se uma Festa maior e mais complexa do que no início, o Mordomo conta hoje com a Comissão Organizadora da Festa do Divino Espírito Santo (ou, simplesmente, Festa do Divino), composta por membros da comunidade açoriana de São Paulo, relativamente constante em sua composição, e que cuida efetivamente dos vários aspectos da Festa. Porém, antes de passarmos à descrição destes aspectos, é necessário fazer a apresentação da Casa dos Açores.

## A Casa dos açores

A *Casa dos Açores* é a associação que foi criada pelos imigrantes açorianos de Vila Carrão, São Paulo, para sediar a Festa do Divino Espírito Santo e guardar os objetos sagrados (a Bandeira e a Coroa do

Divino), além de constituir um espaço comum para o encontro dos açorianos da região. Com efeito, se só a mencionamos na seção em que descreveremos a Festa em si, é porque a Casa foi criada em função da Festa.

A afluência de participantes da Festa ao longo dos anos aparentemente criou condições para a associação de membros da comunidade, que fundaram a *Casa* perto de suas residências para que esta fosse uma sede para a Festa (inclusive com espaço para o que seria hoje a quermesse na rua), assim como um espaço comum de encontro. Deste modo, os fundadores, e grande parte de seus sócios são os senhores açorianos mais velhos e imigrantes diretos. Hoje, no entanto, a *Casa* não se restringe à Festa, promovendo alguns eventos durante o ano, além de prestar-se a alugar para festas e eventos exteriores.

Especialmente, ela consiste de dependências de cozinha e despensa, num nível inferior, sobre as quais estão construídas a capela da imagem de Nosso Senhor do Santo Cristo, a Secretaria e a Biblioteca da Casa dos Açores. No andar superior há um amplo salão de jogos com um bar, e ao lado desses três níveis, nos fundos do pavilhão, um salão de festas que possui um palco num dos extremos.

É interessante notar o caso especial da Capela e da Biblioteca, já que nas duas estão guardados objetos de valor simbólico para a comunidade açoriana. Na Capela, além da imagem do Nosso Senhor do Santo Cristo, que é levado em procissão junto às Coroas e Bandeiras do Divino, encontramos exposta sobre um altar a primeira Bandeira do Divino a ser trazida para São Paulo em 1974 - portanto, como já mencionamos, aí ficam os "objetos sagrados" da Festa. Por sua vez, a Biblioteca, além de um grande número de livros sobre diversos aspectos da vida dos Açores (literatura, poesia, geografia, turismo, etc.), contém vários objetos representativos da vida e cultura açorianas, como miniaturas de figuras características das ilhas, artesanato local, instrumentos musicais, bandeiras, etc. A importância dada pelos imigrantes a essa sala fica patente se observarmos que em diferentes momentos, de diversas pessoas ouvimos que a biblioteca era um lugar privilegiado para o nosso estudo, e

que de uma maneira geral uma certa reverência era revelada pelas pessoas em relação a ela.

As atividades exercidas fora do período de festa (pois durante esse período a própria organização do espaço físico sofre uma modificação), são basicamente: administrativas; recreativas, pelos senhores açorianos, no salão de festas; trabalho da cozinha (para festas e eventos), principalmente do grupo de senhoras açorianas ligadas permanentemente à *Casa*; ensaios do Grupo Folclórico da Casa dos Açores, no grande salão de festas, entre outras.

Devido à forte distinção entre o "tempo" da Festa e o "tempo" do resto do ano, a *Casa dos Açores* veio a ter uma administração própria para este "tempo normal". O advento desta, segundo algumas fontes da comunidade e a própria coordenadora da festa, foi precedido e acompanhado de alguma polêmica, em relação principalmente ao uso da verba da Festa, já que as mesmas fontes insistiam em que o "dinheiro do Divino" fosse utilizado somente na Festa e nas doações a instituições de caridade. Portanto, na situação atual, essa separação existente entre "a Casa" e "o Divino" faz parte do discurso normal das pessoas, sendo as decisões em relação à Festa tomadas pelas duas "instâncias" em conjunto. Esta divisão é também um dos focos de um conflito interno que foi observado no decorrer da festa.

## A Festa

Descrevamos a Festa, então, conforme a acompanhamos em 1995. Achemos por bem dividir a descrição nas diferentes partes, ao longo das quais ficarão patentes as ligações e relações entre elas. Para simplificar nossa descrição, no entanto, cometeremos um "deslize histórico" e utilizar-nos-emos do tempo verbal *Presente do Indicativo* para relatar algo que, rigorosamente, não é estático e constante, mas que consistiu de uma série de eventos observados ao longo de dois meses. A idéia de uma festa imutável e estática é bastante falsa, mas a descrição assim feita será mais facilmente apresentada e analisada.

Ainda no sentido de permitir um melhor entendimento, podemos descrever a Festa como composta de diversas atividades: *rezas de terços* diários nas semanas

que antecedem o Pentecostes; *ofertas e folias* que ocupam as últimas, mas principalmente a última semana; atividades de *preparação de comidas e bebidas* (que constituem as ofertas) que acontecem dentro e fora da Casa dos Açores - por exemplo, a *Matança dos Porcos*; e, finalmente, a *Procissão e a Missa do Divino Espírito Santo*, que têm lugar no domingo de Pentecostes. Após estas, há uma quermesse comemorativa na rua, com barracas de comidas típicas, apresentações de conjuntos folclóricos e shows, que visam angariar fundos para a Comissão Organizadora da Festa do Divino. Há uma certa controvérsia quanto à questão da quermesse ser ou não parte da Festa, cujo exame deixamos para a análise final de nosso artigo.

**Rezas:** A partir da Páscoa, realizam-se diariamente, à noite, novenas em casas sorteadas dentre os açorianos e seus descendentes. Durante a semana de rezas, a "sede sorteada" fica com a custódia da Coroa e a Bandeira do Divino, e torna-se um local de frequência pública. Segundo um dos fundadores da *Casa*, seu Manoel Honorato, "mesmo se um inimigo meu entrar em casa para rezar, eu não posso fazer nada, pois ele está lá para rezar." Assim, entre os açorianos que participam da Festa, o fato de acolher a Coroa e a Bandeira durante uma semana é motivo de grande orgulho.

Na fala de várias pessoas (principalmente as senhoras), é o próprio Divino Espírito Santo que está presente com os objetos sagrados. Além disso, o Divino é caracterizado com traços de caráter bem humanos, como "vingativo", "justo", "recompensador", havendo aí uma certa familiaridade com a figura religiosa. Tudo isso dá margem a diversas interpretações sobre a ida do Divino para certas casas: segundo várias fontes e mesmo um caso específico observado, isso nunca acontece "por acaso". Novamente, é bom observar que esta crença não é generalizada, embora esteja presente muito fortemente nas senhoras e nos mais velhos em geral.

Todas as rezas são cantadas, porém confere-se especial atenção às de domingo. A essas dá-se o nome de "domingas", e é justamente após elas que a Coroa e a Bandeira mudam de casa, o que acontece mediante uma cerimônia de entrega. Além

disso, todo sábado antes de uma domingo, tem lugar uma espécie de festa de despedida na casa que detém a custódia dos objetos sagrados. A última domingo é particularmente importante, pois durante a última semana a Coroa e a Bandeira permanecem na *Casa dos Açores*.

**As Ofertas e as Folias:** a quadra que epifrasia este texto é ao mesmo tempo um exemplo e uma descrição do que acontece nas ofertas e folias, que são uma parte particularmente importante da Festa do Divino. Em poucas palavras, elas são cerimônias de entrega de "presentes" constituídos por carnes, pão de massa sovada e vinho tinto para membros da comunidade açoriana, que simbolizam a graça do Espírito Santo que entra na casa em questão. A principal diferença entre as ofertas e as folias está no fato de que as ofertas são cerimônias bem mais simples, envolvendo menos elementos que as mais elaboradas folias, cantadas do início ao fim, por exemplo.

Segundo Antônio A. Jacob (um filho de imigrante, também conhecido como Toná), nas ofertas só se soltam alguns fogos de artifício e simplesmente se entregam as carnes e o vinho à casa, além do que nestes casos os recipientes não dão grande importância ao valor simbólico da cerimônia (no caso, percebe-se que Toná, ainda que um imigrante de segunda geração, dá bastante ênfase a partes da festa que "têm significado", ou seja, que procuram manter a continuidade, ou "tradição", em relação à imagem da festa "original" nos Açores). As ofertas podem dar-se até mesmo em locais bem afastados da *Casa dos Açores*, mesmo fora de São Paulo, e são feitas durante a última semana. Este é o caso de pessoas que doaram uma certa quantia que lhes dá direito apenas à oferta. Separadamente, a Festa do Divino faz doações a instituições de caridade que procuram a sua ajuda, e também a viúvas de açorianos da comunidade.

Por sua vez, as folias mobilizam um número maior de pessoas, envolvendo cantos, fogos de artifício e vestimentas típicas e tradicionais numa entrega ritualizada dos presentes, que se unem à Bandeira e à Coroa do Divino para representar a graça do Espírito Santo que entra no domicílio visitado. Nestas ocasiões, a chegada da

folia é anunciada por fogos de artifício. A seguir, a Bandeira do Divino Espírito Santo abençoa a residência, acompanhada por cantadores que improvisam as suas quadras conforme o caso específico de cada família visitada, em torno mesmo de questões pessoais e fatos recentes, cantadas sob a forma do desafio português.

Este é o caso de pessoas que fizeram doações substanciais ao Divino, isto é, à Comissão Organizadora da Festa do Divino, ou de pessoas que pagaram a quantia necessária para ganhar o direito a ser visitadas pela folia.

Embora sob a forma de improviso, a própria cantoria ritualizada, consistindo de três cantores principais, que geralmente são senhores mais velhos da comunidade (entre eles, o Mordomo da Festa) e de um coro de resposta, constituído por pessoas mais jovens da comunidade, todos vestidos com a roupa típica da folia, uma vestimenta vermelha trazida dos Açores. Segundo Toná, deveria haver muitas crianças presentes à cerimônia, mas não há crianças suficientes e na sua opinião, as folias mais importantes são aquelas que ocorrem nos últimos dias, nas de pessoas mais próximas à comunidade e mais arraigadas e sensíveis à tradição. Nestes lugares há verdadeira comção quando da chegada da Coroa e da Bandeira, que são levadas a todos os cômodos da residência com a bênção do Espírito Santo, e nas suas próprias palavras: "... as pessoas choram, abraçam a bandeira, não querem deixá-la ir embora...". Entretanto, em todas as Folias que testemunhamos, havia um grande número de crianças, e as salas e cozinhas das casas visitadas ficavam simplesmente lotadas de gente, principalmente no caso de apartamentos.

Paralelamente a essas visitas, já na época da Festa e mesmo às vezes durante as folias, são feitos os primeiros pedidos de doação para a festa do ano seguinte. Os responsáveis pelos pedidos são açorianos e componentes antigos da Comissão Organizadora, e cantores, e demonstram orgulho em fazer este papel.

**A Matança dos Porcos:** marca uma intensificação no ritmo da Festa, e tem um propósito prático definido, qual seja: obter matéria-prima para a feitura de diversos produtos que serão consumidos ao

longo da festa pelos próprios componentes da comunidade ou que serão vendidos durante a quermesse no último fim de semana.

A matança passa-se em meio a um clima de festa, descontração, um encontro de conhecidos como qualquer outro, onde come-se, bebe-se e conversa-se informalmente. No entanto, percebe-se claramente uma maneira determinada pela qual a matança é conduzida, com personagens e agentes pré-determinados, em suma, um ritual que preside os acontecimentos. Este ritual é referido a um tempo e espaço determinados, no caso, a ilha de origem desses imigrantes, antes da época em que vieram.

Por exemplo, o porco é abatido e tem suas partes separadas por homens, em especial os imigrantes mais velhos, que alegam tê-lo feito já em sua ilha de origem. O processo é feito nesta ordem: o porco é sangrado, limpo, e tem suas partes separadas, e armazenadas em bacias que serão levadas para a *Casa dos Açores*. Lá, as mulheres farão, com esta carne, as linguças. Aos mais novos cabe auxiliar no que for necessário, como manter o porco imóvel, carregá-lo depois de morto para outro lugar, etc. As senhoras presentes ficam encarregadas de limpar as tripas do porco morto, para a posterior feitura dos diferentes tipos de linguças. Após a matança, há um almoço na *Casa dos Açores*, preparado e servido pelas mulheres que lá ficaram.

As atividades são ocasionalmente acompanhadas por cantigas e quadrinhas, além de constantes brincadeiras feitas entre os homens, quase sempre através de berros exaltados, ou entre os homens e as mulheres, sempre relacionadas ao trabalho. Diante disso, algumas pessoas caracterizam os açorianos como um povo tipicamente "exaltado, emotivo e brigão" (a propósito, falar em mais novos aqui quer dizer precisamente entre 30 e 40 anos, já que a média de idade dos participantes da matança dos porcos é relativamente alta - a maioria é composta por senhores e senhoras).

Além disso, todo o procedimento de matança do porco é especificamente relacionado com o que supostamente acontecia nos Açores desses senhores. Por exem-

plo, o porco não é desacordado primeiro, mas recebe a facada que o mata diretamente no coração. Ou num exemplo de adequação aos meios disponíveis atualmente, mas ainda identificado à "tradição", a maneira pela qual o couro do porco é "curtido" logo após a sua morte dá-se por meio da queima de jornais junto ao couro - segundo os senhores, no entanto, nos Açores isso era feito com palha de milho. Por fim, em vários relatos aparece a situação de pobreza que forçou os imigrantes a saírem dos Açores, como explicação para a matança do porco, e para a utilização de praticamente todo o animal para alimentação.

### **A Quermesse da Festa do Divino:**

Ocorre no último fim de semana da festa, e consiste basicamente de uma mobilização da comunidade, que trabalha nas barracas de comidas e bebidas (na maioria quitutes típicos dos Açores), durante duas noites de shows de bandas de música e de grupos folclóricos portugueses - o Grupo Folclórico da Casa dos Açores incluído. A maior parte dos produtos vendidos são produzidos anteriormente pela própria comunidade, como por exemplo: diversos tipos de linguça, obtida da Matança dos Porcos; pão de massa sovada; malassadas; salgadinhos, doces típicos, etc. O lucro da festa vai para um fundo que a *Casa dos Açores* mantém para a construção de uma ermida, ou capela do Divino Espírito Santo.

### **A Procissão e a Missa do Divino Espírito Santo:**

No domingo de Pentecostes ocorre o último evento da festa, uma procissão que leva as Coroas e as Bandeiras do Divino Espírito Santo num percurso que vai da *Casa dos Açores* até a Igreja de Santa Marina, situada no mesmo bairro a algumas quadras de distância, onde é celebrada a missa de Pentecostes.

Há dois anos, uma decisão até certo ponto polêmica do Mordomo incluiu na Procissão as imagens do Nosso Senhor do Santo Cristo, e de Nossa Senhora de Fátima, ambas pertencentes à *Casa dos Açores*, embora não seja este o dia prescrito para as procissões dessas imagens. As imagens e seus andores, pesando mais de cem quilos, são levados pelos próprios senhores açorianos, cuja resistência e força são sempre identificadas com um passado de

trabalho no campo, no arquipélago de origem.

A procissão é uma cerimônia solene, em que todos os participantes estão vestidos de gala. As meninas que levam as Coroas acompanhadas de crianças usam vestidos rodados brancos em sua maioria, e os homens, entre jovens, homens maduros e senhores, todos usam ternos. Os jovens rapazes levam as Bandeiras do Divino, abertas totalmente por meninas acompanhantes e assim expostas ao público, com as figuras de pomba representando o Divino Espírito Santo bordadas sobre um tecido vermelho escuro.

Outros objetos simbólicos são levados à frente da procissão por senhores açorianos, tais como duas espécies de lanterna em bastões (um desses senhores é um irmão do Mordomo da Festa, que veio especialmente para a ocasião de Fall River, M.A., EUA., cidade próxima a New Bedford, onde a maioria dos imigrantes são açorianos). O Mordomo da Festa desfila com sua esposa em trajes de gala, sua figura sendo também um símbolo em exposição. A procissão é acompanhada tanto na ida quanto na volta à *Casa dos Açores* por várias salvas de fogos de artifício, também símbolos da chama do Divino, até a igreja. Esta fica totalmente tomada pela comunidade e outros, em pé ou sentados. Todos podem ver os símbolos do Espírito Santo, que são acrescidos de símbolos mais especificamente açorianos à hora do Ofertório da Missa, o pão de massa sovada, carne de boi, vinho (os presentes das folias), legumes e trigo.

Após a eucaristia, sete crianças são coroadas com a Coroa do Divino por sete mocinhas da comunidade, assim como Nossa Senhora de Fátima tem a sua coroação por outra moça, e este momento é marcado por uma comoção que toma conta de praticamente toda a Igreja. A partir da hora da coroação, vários jovens em torno do altar, assim como várias moças e senhoras açorianas que assistem à cena começam a chorar copiosamente, ao mesmo tempo que a mais intensa salva de fogos de artifício é detonada fora da Igreja. Os soluços, que segundo várias fontes são comuns e acontecem todos os anos, continuam durante este clímax e terminam com o fim da Missa, quando a procissão sai da igreja e toma

o caminho de volta para a *Casa dos Açores*. Com o fim da procissão, já na *Casa dos Açores*, e com um discurso ao público que tem como objetivo explicar o significado do que acaba de acontecer, falando dos símbolos açorianos e dos religiosos, encerra-se oficialmente a parte religiosa da Festa do Divino do ano corrente, após a qual terá lugar o último dia de quermesse.

## A TRAVESSIA DA FESTA

Com base em toda a exposição e toda a descrição feita até aqui, podemos tecer algumas considerações no que se refere à "tradição açoriana" que está por trás desta Festa religiosa. Está claro, em primeiro lugar, que a Festa mobiliza grupo de pessoas que têm em comum a procedência ou a descendência açoriana. O fato de que a Festa é expressamente aberta a todos, sem discriminação alguma, e que mesmo os principais doadores da Festa não são açorianos (segundo a coordenadora, o principal doador é de descendência japonesa), não altera os pontos principais: é uma Festa fundada por um açoriano, que alegadamente segue uma tradição açoriana a que todos os que vieram das ilhas açorianas estão acostumados desde pequenos, e cujo acompanhamento pelos jovens da comunidade é sempre uma preocupação dos mais velhos.

Além disso, a identificação da comunidade da Vila Carrão em torno de vários símbolos é bem clara. Tais símbolos são em sua maioria religiosos: a Bandeira do Divino, a Coroa do Divino, N. S. de Fátima, o Santo Cristo. No entanto, mesmo estes símbolos tornam-se símbolos de uma identidade regional quando são usados em uma Festa açoriana. Há também os diversos símbolos da tradição açoriana, que são o pão de massa sovada, o vinho e a carne. A cerimônia da Missa é onde pode-se ver com clareza a mescla dos símbolos religiosos e açorianos, quando estes são oferecidos no altar, rodeados pelas Bandeiras e Coroas do Divino. Ao lado disso, temos também a procissão, onde são expostos em desfile os vários símbolos da comunidade açoriana, que com seus jovens e senhores, além do Mordomo da Festa, também está desfilar.

Por fim, temos várias atividades em que

pessoas da comunidade reúnem-se, atividades que, presumida ou expressamente, foram herdadas das ilhas. Como exemplos temos as folias, a matança dos porcos, a feitura da massa sovada, etc. É bom notar que são atividades extraordinárias, no sentido de que estão fora do cotidiano normal de trabalho da sociedade moderna, e que embora tenham propósitos práticos (como doações a instituições de caridade e a construção de uma ermida para o Divino Espírito Santo), são conduzidas de maneira muito específica. Elas envolvem, portanto, um ritual cujos símbolos e representações remetem a um passado nos Açores, mesmo que tenha havido algumas modificações circunstanciais na maneira de conduzi-las, uma vez que é impossível mantê-las idênticas ao passado, devido à falta de materiais, e mesmo ao reduzido número de pessoas em comparação com as ilhas.

No entanto, a continuidade perfeita ou não, e a completa semelhança com o passado não importam realmente. O importante é que se trata de atividades que em parte perderam seu propósito ou a sua razão original (como acontece com a matança dos porcos, e com as folias), mas que continuam sendo conduzidas sempre remetidas ao passado, e que desta maneira podem ter o seguinte efeito proposto por Hobsbawn (1987): "... estabelecem ou simbolizam a coesão social ou as condições de admissão de um grupo ou de comunidades reais ou artificiais"; assim, são *tradições inventadas*, no sentido determinado por Hobsbawn. É interessante que estas, no entanto, não são práticas vazias, mas permeadas por vários outros significados.

Outra conclusão importante refere-se às *múltiplas camadas de tempo e espaço*, conceito desenvolvido por Bela Feldman-Bianco (1992). No caso desses açorianos, principalmente dos que frequentam a Casa dos Açores apenas durante a Festa do Divino (que parecem ser maioria), vemos que as várias atividades que exercem aqui estão totalmente fora de suas vidas normais. Seria no caso uma intensificação do testemunho de Toná, que separa seus tempo e espaço brasileiros dos açorianos. Ao virem para o Brasil, os imigrantes açorianos deslocaram-se não só no espaço, cruzando o Oceano Atlântico, mas também no tempo, pois saíram de uma sociedade agrá-

ria, onde eram em sua maioria camponeses, para entrarem em uma sociedade moderna, como trabalhadores na indústria. Efetuando (anos depois) a travessia da Festa, os imigrantes mitigam esta ruptura tão grande. Assim, para muitos dos imigrantes diretos açorianos, a matança do porco é uma revivência de tempos e lugares passados, tendo por isto um significado especial para eles. O mais interessante é que os filhos dos imigrantes, nascidos no Brasil, recebem este significado sem ter jamais estado nos Açores. Logicamente, o significado para os senhores e para seus filhos não é exatamente o mesmo, o que pode ser percebido através dos testemunhos de cada um. Porém, ao participar de eventos como esses, pessoas como Toná estão revivendo um tempo e um espaço que na realidade nunca viveram.

Em conclusão, paralelamente a todos os propósitos atuais da Festa expostos acima e à vivência de todos esses símbolos açorianos, de todo um ritual que reclama uma continuidade com o passado, há um significado que é anualmente recriado nesta Festa e passado a todos os participantes, em especial aos açorianos e seus descendentes, fazendo isto parte de um processo de reconstrução de uma identidade própria.

\* *Gustavo Adolfo P. D. Santos é mestrando em antropologia/UNICAMP e faz parte da linha de pesquisa do CEMI (Centro de Estudos de Migrações Internacionais) sobre Nação e Diásporas.*

## BIBLIOGRAFIA

- FELDMAN-BIANCO, Bela  
(1992) "Multiple Layers of Time and Space: The Construction of Class, Ethnicity, and Nationalism among Portuguese Immigrants". In *Towards a Transnational Perspective on Migration: Race, Class and Ethnicity and Nationalism Reconsidered*. N. Glick-Schiller, L. Basch e C. Blanc-Szanton (eds), New York: New York Academy of Sciences, pp.145-174.
- FELDMAN-BIANCO, Bela  
(1997) "Portuguese". In *American Immigrant Cultures - Builders of a Nation*. Vol. 2, Levinson, D. e Ember, M. (eds) New York: Simon and Schuster Macmillan, pp. 703-714.
- FELDMAN-BIANCO, B. e HUSE, D.  
(1995) "Entre a Saudade da Terra e a América: Mulheres Imigrantes". *Estudos Feministas*, vol. 3, nº 1, Rio de Janeiro: IFCS/UFRJ e PPCIS/UERJ, pp.97-121.
- HOBSBAWN, E. e RANGER, T.  
(1987) *A Invenção das Tradições*. Rio de Janeiro, Paz e Terra.